**FINANÇAS**

**ENANGRAD JUNIOR**

# COMPORTAMENTO FINANCEIRO DE ESTUDANTES, PROFISSIONAIS DE OUTRAS ÁREAS E TRABALHADORES EM GERAL

**Resumo**

Este estudo teve como objetivo analisar de que forma a compreensão dos conceitos de ativos, passivos e perfil de investidor influencia o comportamento financeiro de estudantes, profissionais de diferentes áreas e trabalhadores em geral. Buscou-se verificar a relação entre o conhecimento financeiro básico e a adoção de práticas voltadas ao investimento, ao planejamento financeiro e à gestão dos recursos pessoais. A pesquisa caracterizou-se como descritiva, com abordagem quantitativa, sendo conduzida por meio da aplicação de um questionário estruturado a 90 participantes. Os dados coletados contemplaram informações referentes ao perfil socioeconômico dos respondentes, ao nível de conhecimento financeiro, aos hábitos de investimento e à influência do ambiente de trabalho na formação de competências relacionadas à educação financeira. Os resultados indicaram que a maior parte dos participantes possui conhecimento sobre conceitos financeiros fundamentais e mantém algum tipo de investimento. Entretanto, foram identificadas limitações importantes quanto à diversificação da carteira, à realização de aportes periódicos e ao monitoramento sistemático dos investimentos realizados. Verificou-se também a predominância do perfil conservador entre os respondentes, acompanhada da preferência por aplicações de menor risco, evidenciando uma preocupação mais acentuada com a preservação do patrimônio do que com a busca de retornos financeiros mais elevados. Além disso, observou-se reduzida participação em programas corporativos de educação financeira e previdência complementar, indicando oportunidades para o fortalecimento dessas iniciativas nas organizações. Conclui-se que o conhecimento financeiro exerce papel relevante na promoção de decisões mais conscientes, favorecendo a autonomia econômica e o planejamento de longo prazo. Contudo, sua aplicação prática depende da interação entre fatores comportamentais, institucionais e socioeconômicos. Dessa forma, o fortalecimento da educação financeira mostra-se essencial para a consolidação de hábitos financeiros sustentáveis e para a promoção do bem-estar econômico e da segurança financeira ao longo da vida.

**Palavras-chave:** Educação financeira. Comportamento financeiro. Perfil do investidor. Ativos e passivos. Investimentos.

**Abstract**

This study aimed to analyze how the understanding of the concepts of assets, liabilities, and investor profiles influences the financial behavior of students, professionals from different fields, and workers in general. The research sought to examine the relationship between basic financial literacy and the adoption of investment practices, financial planning, and personal resource management. The study was characterized as descriptive, with a quantitative approach, and was conducted through the application of a structured questionnaire to 90 participants. Data collection included information regarding respondents' socioeconomic profiles, levels of financial knowledge, investment habits, and the influence of the workplace environment on financial education and decision-making. The results indicated that most participants demonstrated familiarity with fundamental financial concepts and reported holding at least one type of investment. However, significant challenges were identified concerning portfolio diversification, the regularity of financial contributions, and the systematic monitoring of investment performance. Findings also revealed a predominance of conservative investor profiles and a preference for low-risk financial products, highlighting a stronger concern for wealth preservation than for achieving higher returns. In addition, the study found limited participation in corporate financial education initiatives and complementary retirement plans, suggesting opportunities for organizations to expand programs that encourage greater financial awareness and long-term planning. The study concludes that financial knowledge plays an important role in promoting more informed decisions and strengthening individual economic autonomy. Nevertheless, the effective application of financial knowledge depends not only on cognitive understanding but also on behavioral, institutional, and socioeconomic factors. Therefore, strengthening financial education is essential for fostering sustainable financial habits, improving financial well-being, and supporting long-term economic security and resilience among individuals and families

**Keywords:** Financial education. Financial behavior. Investor profile. Assets and liabilities. Investments.

## 1. Introdução

A educação financeira tem se tornado um tema cada vez mais relevante diante das transformações econômicas, da ampliação do acesso a produtos de investimento e da necessidade de maior autonomia na gestão dos recursos financeiros. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), a educação financeira consiste em um processo por meio do qual consumidores e investidores desenvolvem sua compreensão sobre conceitos, produtos e riscos financeiros, tornando-se mais aptos a tomar decisões informadas. Apesar da crescente disponibilidade de informações sobre finanças pessoais, muitos indivíduos ainda apresentam dificuldades para compreender conceitos básicos relacionados à organização patrimonial, ao planejamento financeiro e à tomada de decisões de investimento. Essa realidade pode comprometer a construção de patrimônio, aumentar a vulnerabilidade ao endividamento e dificultar a realização de objetivos financeiros de curto, médio e longo prazo.

A importância da educação financeira pode ser observada em estudos que relacionam o nível de conhecimento financeiro à qualidade das decisões econômicas adotadas pelos indivíduos. De acordo com Lusardi e Mitchell (2014), pessoas com maior alfabetização financeira tendem a apresentar melhores hábitos de poupança, maior planejamento para a aposentadoria e maior participação em investimentos. Nesse sentido, a educação financeira contribui para o fortalecimento da autonomia econômica e para a promoção do bem-estar financeiro ao longo da vida.

No contexto brasileiro, a necessidade de ampliar a educação financeira mostra-se ainda mais evidente. Dados divulgados pela Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN, 2023) indicam que mais da metade da população brasileira não possui o hábito de controlar regularmente o orçamento doméstico, demonstrando dificuldades relacionadas ao planejamento financeiro e à administração dos recursos pessoais. Essa realidade reforça a importância do desenvolvimento de competências que permitam aos indivíduos compreender melhor sua situação financeira e tomar decisões mais conscientes.

Nesse contexto, conceitos como ativos, passivos e perfil de investidor assumem papel fundamental na formação de comportamentos financeiros mais conscientes. Compreender a diferença entre elementos que contribuem para a geração de riqueza e aqueles que representam obrigações financeiras, assim como identificar o próprio perfil de tolerância ao risco, pode influenciar diretamente a maneira como as pessoas planejam e realizam seus investimentos.

Ao discutir a construção da independência financeira, Kiyosaki (2000, p. 62) afirma que **“**os ricos adquirem ativos; os pobres e a classe média adquirem passivos pensando que são ativos**”**. Embora essa abordagem tenha caráter mais didático do que técnico-contábil, ela auxilia na compreensão da importância de distinguir recursos que geram renda daqueles que apenas produzem despesas e comprometem a capacidade de acumulação patrimonial.

Sob uma perspectiva financeira mais abrangente, Ross, Westerfield e Jaffe (2015) definem ativos como recursos capazes de gerar benefícios econômicos futuros e passivos como obrigações que exigem desembolsos financeiros. Para os autores, a correta compreensão desses conceitos favorece o planejamento financeiro e a formação de patrimônio, permitindo que os indivíduos alinhem suas decisões de consumo, poupança e investimento aos seus objetivos de longo prazo.

Outro fator relevante para a tomada de decisão é a identificação do perfil do investidor. Segundo a ANBIMA (2025), a definição do perfil considera aspectos como tolerância ao risco, objetivos financeiros e horizonte temporal dos

investimentos. O conhecimento dessas características permite uma escolha mais adequada dos produtos financeiros, contribuindo para minimizar decisões incompatíveis com a capacidade do investidor de suportar oscilações de mercado.

Além dos aspectos relacionados ao conhecimento financeiro, fatores comportamentais também influenciam significativamente as decisões econômicas. Kahneman (2012, p. 341) destaca que **“**as perdas pesam mais que os ganhos”**,** evidenciando o fenômeno da aversão à perda. Esse comportamento ajuda a explicar por que muitos indivíduos preferem investimentos conservadores, mesmo quando existem alternativas capazes de proporcionar retornos potencialmente superiores no longo prazo.

Diante desse cenário, surge a seguinte questão de pesquisa: como a compreensão dos conceitos de ativos, passivos e perfil de investidor influencia a capacidade de indivíduos leigos iniciarem investimentos por conta própria?

O objetivo geral deste estudo é analisar como o conhecimento sobre ativos, passivos e perfil de investidor influencia o comportamento financeiro e as práticas de investimento de estudantes, profissionais de diferentes áreas e trabalhadores em geral. Como objetivos específicos, busca-se investigar o nível de conhecimento financeiro dos participantes, identificar os perfis de investidor predominantes, analisar os hábitos de investimento e verificar a influência de fatores como renda, educação financeira e ambiente de trabalho sobre as decisões financeiras.

A relevância desta pesquisa fundamenta-se na crescente necessidade de preparar indivíduos para lidar com um ambiente financeiro cada vez mais complexo e dinâmico. Sob a perspectiva acadêmica, o estudo contribui para o aprofundamento das discussões sobre educação financeira, comportamento do investidor e inclusão financeira. Sob o ponto de vista social, os resultados podem fornecer subsídios para o desenvolvimento de ações de educação financeira voltadas à promoção da autonomia econômica, do planejamento financeiro e da construção sustentável de patrimônio.

A pesquisa está delimitada à análise de 90 participantes, selecionados por conveniência, abrangendo estudantes, profissionais de diferentes áreas e trabalhadores em geral, por meio da aplicação de questionário estruturado. Dessa forma, os resultados refletem as características da amostra estudada, não podendo ser generalizados para toda a população.

Este artigo está organizado da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica que aborda os principais conceitos relacionados à educação financeira, ativos, passivos, perfil do investidor e comportamento financeiro. Em seguida, são descritos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Na sequência, são apresentados e

discutidos os resultados obtidos. Por fim, são apresentadas as considerações finais, destacando as principais conclusões, contribuições do estudo, limitações e sugestões para pesquisas futuras

## 2. Fundamentação Teórica

### 2.1 Educação Financeira

A educação financeira pode ser entendida como o processo de desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que permitem aos indivíduos administrarem seus recursos de forma eficiente, planejar objetivos e tomar decisões financeiras mais conscientes. Seu propósito é auxiliar as pessoas na gestão do orçamento, no controle de despesas, na formação de reservas financeiras e na realização de investimentos adequados aos seus objetivos. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), a educação financeira contribui para que consumidores e investidores compreendam melhor os produtos financeiros e desenvolvam habilidades necessárias para a tomada de decisões fundamentadas.

O desenvolvimento da educação financeira contribui para a redução do endividamento, para o fortalecimento do planejamento de longo prazo e para a promoção da autonomia econômica. Segundo Lusardi e Mitchell (2014), indivíduos com maior nível de alfabetização financeira tendem a apresentar melhores hábitos de poupança, maior capacidade de organização financeira e maior participação em investimentos. Da mesma forma, Gitman e Joehnk (2010) destacam que o conhecimento financeiro favorece o planejamento patrimonial e auxilia os indivíduos na seleção de investimentos compatíveis com seus objetivos e perfil de risco.

#### 2.1.1 Educação Financeira no Contexto Brasileiro

A educação financeira ganhou maior relevância no Brasil a partir da implementação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), criada com o propósito de promover ações permanentes voltadas ao desenvolvimento da cidadania financeira. A iniciativa busca contribuir para que os indivíduos compreendam conceitos financeiros básicos e sejam capazes de tomar decisões mais conscientes relacionadas ao consumo, à poupança e ao investimento.

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), a educação financeira é um processo pelo qual os consumidores e investidores melhoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros, tornando-se mais aptos a realizar escolhas informadas.

Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incorporou conteúdos relacionados à educação financeira como tema transversal, reconhecendo a importância do desenvolvimento de competências ligadas ao planejamento financeiro e à administração dos recursos pessoais (BRASIL, 2017).

Segundo o Banco Central do Brasil (2023), os baixos níveis de letramento financeiro ainda representam um desafio para a população brasileira, especialmente no que se refere ao controle orçamentário, à formação de reservas financeiras e ao planejamento para objetivos de longo prazo. Dessa forma, a ampliação de iniciativas educacionais voltadas à temática financeira mostra-se fundamental para fortalecer a autonomia econômica dos indivíduos.

## 2.2 Ativos e Passivos

A compreensão dos conceitos de ativos e passivos constitui um dos pilares das finanças pessoais. Em termos gerais, ativos representam bens ou recursos que possuem potencial para gerar benefícios econômicos futuros, enquanto os passivos correspondem às obrigações financeiras assumidas por um indivíduo ou organização. Segundo Ross, Westerfield e Jaffe (2015), os ativos são recursos capazes de proporcionar fluxos de benefícios econômicos ao longo do tempo, ao passo que os passivos representam compromissos financeiros que exigem desembolsos futuros. Essa distinção é fundamental para a análise patrimonial e para a tomada de decisões financeiras mais eficientes.

No contexto das finanças pessoais, a distinção entre ativos e passivos auxilia na avaliação da situação financeira e no planejamento patrimonial. Aplicações financeiras, imóveis destinados à geração de renda e investimentos produtivos são exemplos de ativos, enquanto empréstimos, financiamentos e dívidas diversas representam passivos que comprometem a disponibilidade de recursos futuros (ASSAF NETO, 2016). Nessa perspectiva, compreender a composição patrimonial permite ao indivíduo avaliar sua capacidade financeira e direcionar seus recursos de maneira mais estratégica.

Kiyosaki (2000, p. 62) popularizou essa discussão ao afirmar que **“**ativos colocam dinheiro no seu bolso; passivos tiram dinheiro do seu bolso**”**. Embora a definição apresente caráter simplificado e não corresponda integralmente aos critérios contábeis tradicionais, ela contribui para a compreensão prática da relação entre geração de renda e acumulação de patrimônio, especialmente entre indivíduos sem formação financeira.

O entendimento desses conceitos permite que os indivíduos desenvolvam estratégias voltadas ao fortalecimento de seu patrimônio e à redução de compromissos financeiros excessivos, favorecendo uma gestão mais eficiente dos recursos disponíveis. De acordo com Gitman e Joehnk (2010), investidores

que compreendem adequadamente a natureza dos ativos e passivos tendem a realizar escolhas mais compatíveis com seus objetivos financeiros, reduzindo riscos associados ao endividamento e aumentando as possibilidades de crescimento patrimonial sustentável.

Além disso, Cerbasi (2016) destaca que a construção da independência financeira depende da capacidade de ampliar continuamente os ativos geradores de renda e controlar passivos que comprometam significativamente o orçamento. Dessa forma, a educação financeira relacionada à identificação e gestão de ativos e passivos torna-se uma ferramenta essencial para a promoção da estabilidade econômica e da segurança financeira no longo prazo

### 2.3 Perfil do Investidor

O perfil do investidor corresponde ao conjunto de características que influenciam as escolhas de investimento de cada pessoa. Sua identificação considera aspectos como tolerância ao risco, objetivos financeiros e horizonte de investimento. Segundo a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA, 2025), o conhecimento do perfil do investidor é fundamental para orientar a escolha de produtos financeiros adequados às necessidades e expectativas individuais, promovendo maior alinhamento entre risco e retorno.

De forma geral, os investidores são classificados em três categorias principais: conservador, moderado e arrojado. O perfil conservador prioriza segurança e estabilidade, optando por investimentos de baixo risco e menor volatilidade. O perfil moderado busca equilibrar segurança e rentabilidade, aceitando oscilações moderadas em busca de melhores retornos. Já o perfil arrojado apresenta maior tolerância ao risco e está disposto a suportar variações significativas no valor dos investimentos com o objetivo de alcançar rentabilidades mais elevadas (ASSAF NETO, 2016).

De acordo com Gitman e Joehnk (2010), a definição do perfil do investidor está diretamente relacionada à capacidade de assumir riscos, às condições financeiras e aos objetivos pessoais de cada indivíduo. Assim, a escolha dos investimentos deve considerar não apenas as expectativas de retorno, mas também fatores como prazo de aplicação, necessidade de liquidez e resistência emocional diante das oscilações do mercado.

Nesse contexto, a identificação adequada do perfil do investidor contribui para uma relação mais equilibrada entre risco e retorno. Segundo a ANBIMA (2025), investidores que aplicam recursos em produtos compatíveis com seu perfil tendem a apresentar maior satisfação com os resultados alcançados e menor probabilidade de tomar decisões impulsivas em momentos de instabilidade econômica.

Além dos aspectos financeiros, fatores comportamentais também exercem influência sobre o perfil do investidor. Kahneman (2012) destaca que as decisões econômicas frequentemente são impactadas por emoções, percepções subjetivas de risco e experiências anteriores. Dessa forma, mesmo investidores com conhecimento técnico podem adotar comportamentos conservadores diante da possibilidade de perdas, evidenciando a importância do autoconhecimento na construção de estratégias de investimento consistentes.

O conhecimento do próprio perfil contribui para decisões mais alinhadas aos objetivos financeiros e reduz a probabilidade de escolhas incompatíveis com a capacidade do investidor de enfrentar oscilações de mercado. Conforme afirmam Ross, Westerfield e Jaffe (2015), a compatibilização entre perfil de risco e estratégia de investimento constitui um dos elementos essenciais para a construção de uma carteira adequada e para a obtenção de resultados sustentáveis no longo prazo.

### 2.4 Comportamento Financeiro e Investimentos

O comportamento financeiro é influenciado não apenas pelo conhecimento técnico, mas também por fatores psicológicos, emocionais e sociais. Muitas decisões relacionadas ao consumo, à poupança e aos investimentos são impactadas por percepções subjetivas de risco, expectativas de retorno e experiências anteriores. Nesse contexto, as finanças comportamentais surgem como um campo de estudo que busca compreender como aspectos cognitivos e emocionais interferem no processo de tomada de decisão econômica. Segundo Kahneman (2012), os indivíduos nem sempre agem de maneira totalmente racional, sendo frequentemente influenciados por julgamentos intuitivos e atalhos mentais que podem conduzir a escolhas inconsistentes.

Entre os fatores frequentemente observados estão a aversão à perda, o excesso de confiança e a influência de terceiros na tomada de decisões. Esses aspectos podem levar indivíduos a evitar investimentos mais rentáveis por receio de perdas ou, em sentido contrário, a assumir riscos excessivos sem planejamento adequado. Kahneman (2012, p. 341) destaca que **“as perdas pesam mais que os ganhos”**, demonstrando que a possibilidade de perder recursos gera impacto emocional superior ao prazer proporcionado por ganhos equivalentes. Esse fenômeno contribui para explicar a preferência de muitos investidores por aplicações conservadoras, mesmo quando existem alternativas potencialmente mais rentáveis.

Outro aspecto relevante é o excesso de confiança, caracterizado pela tendência dos indivíduos em superestimar seus conhecimentos e habilidades na tomada de decisões financeiras. De acordo com Thaler e Sunstein (2008), esse comportamento pode levar investidores a ignorarem riscos relevantes, realizando aplicações incompatíveis com seus objetivos ou perfil de risco. Da

mesma forma, a influência social exerce papel importante nas decisões financeiras, uma vez que muitas pessoas tendem a seguir recomendações de familiares, amigos ou influenciadores digitais sem realizar análises próprias sobre os investimentos.

Além disso, o ambiente econômico e social também influencia significativamente o comportamento financeiro. Lusardi e Mitchell (2014) ressaltam que o nível de educação financeira impacta diretamente a capacidade dos indivíduos de interpretar informações econômicas, avaliar riscos e realizar escolhas mais adequadas para sua realidade financeira. Dessa forma, pessoas com maior conhecimento financeiro tendem a apresentar comportamentos mais consistentes em relação à poupança, ao planejamento financeiro e aos investimentos.

A compreensão desses fatores torna-se fundamental para o desenvolvimento de estratégias de educação financeira mais eficazes. Conforme afirmam Gitman e Joehnk (2010), o sucesso financeiro não depende exclusivamente do conhecimento técnico sobre produtos financeiros, mas também da capacidade de controlar emoções, estabelecer objetivos claros e manter disciplina na execução do planejamento financeiro.

Dessa forma, a combinação entre educação financeira, compreensão dos conceitos patrimoniais e autoconhecimento do perfil de investidor torna-se essencial para a construção de comportamentos financeiros mais equilibrados e sustentáveis ao longo do tempo. Como destacam Ross, Westerfield e Jaffe (2015), decisões financeiras consistentes resultam da integração entre conhecimento, planejamento e comportamento, permitindo que o indivíduo administre melhor seus recursos e aumente suas chances de alcançar seus objetivos econômicos de longo prazo

## 2.5 Educação Financeira e a Tomada de Decisão de Investimento

A literatura indica que o conhecimento financeiro está diretamente relacionado à capacidade de planejamento e à adoção de práticas de investimento mais consistentes. Pessoas que compreendem conceitos financeiros básicos tendem a avaliar melhor riscos e oportunidades, além de demonstrarem maior propensão ao estabelecimento de metas financeiras e à formação de patrimônio. Segundo Lusardi e Mitchell (2014), indivíduos com maior nível de alfabetização financeira apresentam melhores condições para tomar decisões relacionadas à poupança, aposentadoria e investimentos, reduzindo a probabilidade de cometer erros financeiros que comprometam sua estabilidade econômica.

Nesse sentido, a educação financeira, associada à compreensão dos conceitos de ativos, passivos e perfil de investidor, pode contribuir para que indivíduos leigos realizem escolhas mais conscientes e adequadas às suas necessidades. De acordo com a Organização para a Cooperação e

Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), a educação financeira é um instrumento fundamental para capacitar consumidores e investidores a compreenderem produtos financeiros, avaliarem riscos e identificarem oportunidades compatíveis com seus objetivos pessoais.

Gitman e Joehnk (2010) afirmam que investidores que possuem conhecimento sobre risco, retorno e diversificação tendem a construir estratégias financeiras mais consistentes, alinhando suas decisões aos objetivos de curto, médio e longo prazo. Além disso, esses indivíduos demonstram maior capacidade de adaptação às mudanças do cenário econômico, respondendo de maneira mais racional às oscilações dos mercados financeiros.

Entretanto, fatores como renda, acesso à informação e apoio institucional também exercem influência significativa sobre o comportamento financeiro e a manutenção dos investimentos ao longo do tempo. Estudos realizados por Dutra et al. (2024) demonstram que a inclusão financeira depende não apenas do conhecimento, mas também das condições socioeconômicas e do acesso aos serviços financeiros. Dessa forma, mesmo indivíduos que possuem conhecimentos financeiros básicos podem enfrentar limitações relacionadas à renda disponível, ao acesso a oportunidades de investimento e à disponibilidade de orientação especializada.

Além dos fatores socioeconômicos, aspectos comportamentais também influenciam a tomada de decisão financeira. Kahneman (2012) destaca que as escolhas econômicas frequentemente são afetadas por emoções, percepções subjetivas de risco e vieses cognitivos, fazendo com que os indivíduos nem sempre atuem de maneira totalmente racional. Esse comportamento pode dificultar a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, especialmente em situações de incerteza econômica ou volatilidade dos mercados.

Nesse contexto, o ambiente institucional também assume papel relevante. Segundo Braunstein e Welch (2002), programas de educação financeira promovidos por instituições de ensino, empresas e órgãos públicos contribuem para o desenvolvimento de hábitos financeiros mais saudáveis, favorecendo a organização financeira, a formação de reservas e a ampliação da participação em investimentos. Tais iniciativas podem reduzir barreiras relacionadas ao desconhecimento financeiro e estimular comportamentos mais alinhados ao planejamento de longo prazo.

Assim, compreender a relação entre conhecimento financeiro e práticas de investimento torna-se fundamental para o desenvolvimento de estratégias educacionais capazes de promover maior inclusão financeira e autonomia econômica na sociedade. Conforme afirmam Ross, Westerfield e Jaffe (2015), a construção de um patrimônio sustentável depende não apenas da disponibilidade de recursos financeiros, mas também da capacidade de tomar

decisões adequadas, administrar riscos e manter disciplina no planejamento financeiro ao longo do tempo

## 3. Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como quantitativa, pois busca mensurar e analisar informações relacionadas ao conhecimento financeiro e ao comportamento de investimento dos participantes por meio de dados numéricos. A abordagem quantitativa foi escolhida por permitir a identificação de padrões, frequências e associações entre variáveis, proporcionando maior objetividade na análise dos resultados (MALHOTRA, 2019; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Quanto aos objetivos, o estudo é classificado como descritivo, uma vez que procura descrever as características de um grupo de indivíduos em relação à compreensão de conceitos financeiros, ao perfil de investidor e às práticas de investimento adotadas. Esse tipo de pesquisa possibilita a observação e a análise de fenômenos sem interferência do pesquisador, contribuindo para a compreensão da realidade investigada (GIL, 2019).

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, elaborado na plataforma Google Forms e aplicado de forma online entre os dias 11 e 28 de outubro de 2025. O instrumento foi composto por questões fechadas e de múltipla escolha, organizadas em blocos temáticos que contemplaram informações sociodemográficas, conhecimento sobre ativos e passivos, identificação do perfil de investidor, hábitos de investimento e influência do ambiente profissional na educação financeira. Segundo Marconi e Lakatos (2017), o questionário constitui uma das técnicas mais utilizadas em pesquisas quantitativas por permitir a coleta padronizada de informações junto a um número expressivo de participantes.

A amostra foi definida por conveniência, sendo composta por 90 participantes, entre estudantes, profissionais de diferentes áreas e trabalhadores em geral. A escolha desse procedimento ocorreu em razão da facilidade de acesso aos respondentes e da adequação ao objetivo exploratório-descritivo da investigação. Conforme Gil (2019), a amostragem por conveniência é frequentemente utilizada em pesquisas sociais quando o pesquisador seleciona elementos que estão disponíveis e acessíveis para participação no estudo.

Após a coleta, os dados foram organizados em planilhas eletrônicas e submetidos à análise estatística descritiva, utilizando frequências absolutas, percentuais e comparações entre variáveis, como renda, conhecimento financeiro e comportamento de investimento. Esse procedimento permitiu identificar tendências e relações entre os elementos investigados, favorecendo

a interpretação dos resultados à luz da literatura sobre educação financeira e comportamento do investidor (MALHOTRA, 2019).

A opção por essa metodologia mostra-se adequada aos objetivos do estudo, uma vez que possibilita compreender como o conhecimento financeiro influencia o comportamento dos indivíduos diante das decisões de investimento, contribuindo para a produção de informações relevantes sobre educação financeira e desenvolvimento da autonomia econômica (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

## 4. Análise e Discussão dos Resultados

A pesquisa contou com a participação de 90 respondentes, predominantemente do sexo feminino, com faixa etária concentrada entre 21 e 30 anos e elevado nível de escolaridade. A maior parte dos participantes apresentou renda mensal entre R$ 2.000,00 e R$ 8.000,00, caracterizando um público de classe média com potencial para realização de investimentos (DUTRA et al., 2024).

Em relação ao conhecimento financeiro, observou-se que a maioria dos participantes demonstrou compreender os conceitos de ativos e passivos e declarou conhecer seu perfil de investidor. Esses resultados sugerem uma base satisfatória de educação financeira entre os respondentes, embora ainda existam lacunas que podem comprometer a tomada de decisões mais eficientes. Estudos apontam que indivíduos com maior nível de alfabetização financeira tendem a apresentar melhor capacidade de planejamento e organização financeira (LUSARDI; MITCHELL, 2014; ATKINSON; MESSY, 2012).

No que se refere ao comportamento de investimento, verificou-se que 60% possuem algum tipo de aplicação financeira. Os investimentos mais utilizados foram CDB, poupança e Tesouro Direto, evidenciando a predominância de um perfil conservador. Esse resultado está alinhado à literatura que aponta a aversão ao risco como característica comum entre investidores menos experientes (ANBIMA, 2025; KAHNEMAN, 2012). De acordo com Assaf Neto (2016), investidores conservadores tendem a priorizar aplicações que oferecem maior segurança e previsibilidade dos retornos, mesmo em detrimento de ganhos mais elevados.

Os dados também revelaram baixa diversificação das carteiras e acompanhamento irregular dos investimentos por parte de uma parcela dos respondentes. Embora exista conhecimento financeiro básico, nem sempre esse conhecimento é convertido em práticas consistentes de planejamento e monitoramento financeiro. Conforme Gitman e Joehnk (2010), a construção de uma estratégia eficiente de investimento depende não apenas do

conhecimento técnico, mas também da disciplina na realização de aportes e do acompanhamento periódico dos resultados obtidos.

Quanto à influência institucional, a maioria dos participantes informou que suas empresas não oferecem programas de educação financeira nem benefícios relacionados à previdência complementar. Tal resultado reforça a importância de iniciativas educacionais que promovam maior conscientização financeira no ambiente organizacional. Segundo Braunstein e Welch (2002), programas de educação financeira desenvolvidos por organizações podem contribuir significativamente para a melhoria da tomada de decisão financeira e para a formação de hábitos econômicos mais sustentáveis.

De modo geral, os resultados indicam que o conhecimento sobre ativos, passivos e perfil de investidor contribui para decisões financeiras mais conscientes. Contudo, fatores comportamentais, econômicos e institucionais continuam exercendo influência significativa sobre a adoção e a manutenção de práticas de investimento, confirmando os pressupostos apresentados na fundamentação teórica (KAHNEMAN, 2012; THALER; SUNSTEIN, 2008). Além disso, a literatura destaca que a efetividade da educação financeira depende da combinação entre conhecimento, acesso à informação e condições socioeconômicas favoráveis, capazes de promover maior inclusão financeira e autonomia econômica (OCDE, 2005; DUTRA et al., 2024; LUSARDI; MITCHELL, 2014)

## 5. Conclusão e Contribuições

O presente estudo teve como objetivo analisar como a compreensão dos conceitos de ativos, passivos e perfil de investidor influencia o comportamento financeiro de estudantes, profissionais de diferentes áreas e trabalhadores em geral. Os resultados demonstraram que a maioria dos participantes possui conhecimento básico sobre esses conceitos e já realiza algum tipo de investimento, evidenciando a importância da educação financeira como instrumento de apoio à tomada de decisões econômicas mais conscientes.

Entretanto, a pesquisa também revelou que o conhecimento teórico não garante, por si só, a adoção de práticas financeiras consistentes. Foram identificadas limitações relacionadas à diversificação dos investimentos, à realização de aportes regulares e ao acompanhamento sistemático das aplicações financeiras. Além disso, observou-se a predominância de um perfil conservador, caracterizado pela preferência por investimentos de baixo risco e maior preocupação com a preservação do patrimônio.

Como contribuição teórica, o estudo reforça a literatura que relaciona educação financeira, comportamento do investidor e tomada de decisão financeira, evidenciando que fatores comportamentais e institucionais também influenciam a prática dos investimentos. No âmbito prático, os resultados podem subsidiar a elaboração de programas de educação financeira em instituições de ensino e organizações, contribuindo para o desenvolvimento de

hábitos financeiros mais sustentáveis. Sob a perspectiva social, a pesquisa destaca a importância da formação financeira para o fortalecimento da autonomia econômica e para a melhoria do bem-estar da população.

Como limitação, destaca-se a utilização de uma amostra não probabilística por conveniência, composta por 90 respondentes, o que restringe a generalização dos resultados. Sugere-se que pesquisas futuras ampliem o número de participantes e incluam diferentes perfis socioeconômicos e regiões geográficas, bem como investiguem com maior profundidade os fatores comportamentais que influenciam as decisões de investimento.

Em síntese, conclui-se que a educação financeira exerce papel fundamental na construção da autonomia econômica, contribuindo para decisões mais conscientes e para o desenvolvimento de práticas financeiras capazes de promover maior estabilidade e segurança no longo prazo.

## Referências

ANBIMA. *Perfil de investidor:* **o que é e como descobrir o seu?** São Paulo: ANBIMA, 2025. Disponível em: <https://comoinvestir.anbima.com.br>. Acesso em: 24 jul. 2026.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado financeiro**. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne. *Measuring Financial Literacy: Results of the OECD/International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study*. Paris: OECD Publishing, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. São Paulo: HarperCollins, 2016.

DUTRA, Vanessa Rabelo et al. **Percepções da inclusão financeira: o papel do conhecimento, acesso, variáveis socioeconômicas e demográficas**. *RACEF - Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace*, v. 15, n. 3, p. 23-48, 2024.

FEBRABAN. **53% dos brasileiros não têm o hábito de controlar o próprio orçamento, segundo pesquisa nacional**. São Paulo: FEBRABAN, 2023. Disponível em: <https://portal.febraban.org.br>. Acesso em: 24 jul. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GITMAN, Lawrence J.; JOEHNK, Michael D. **Fundamentos de investimentos.** 10. ed. São Paulo: Pearson, 2010.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar: duas formas de pensar.** 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KIYOSAKI, Robert T. *Pai rico, pai pobre*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2000.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. **The economic importance of financial literacy: theory and evidence.** *Journal of Economic Literature*, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

OCDE. **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness.** Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development, 2005.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph; JAFFE, Jeffrey. **Administração financeira**. São Paulo: Atlas, 2015.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

THALER, Richard H.; SUNSTEIN, Cass R. *Nudge: improving decisions about health, wealth, and happiness*. New Haven: Yale University Press, 2008.